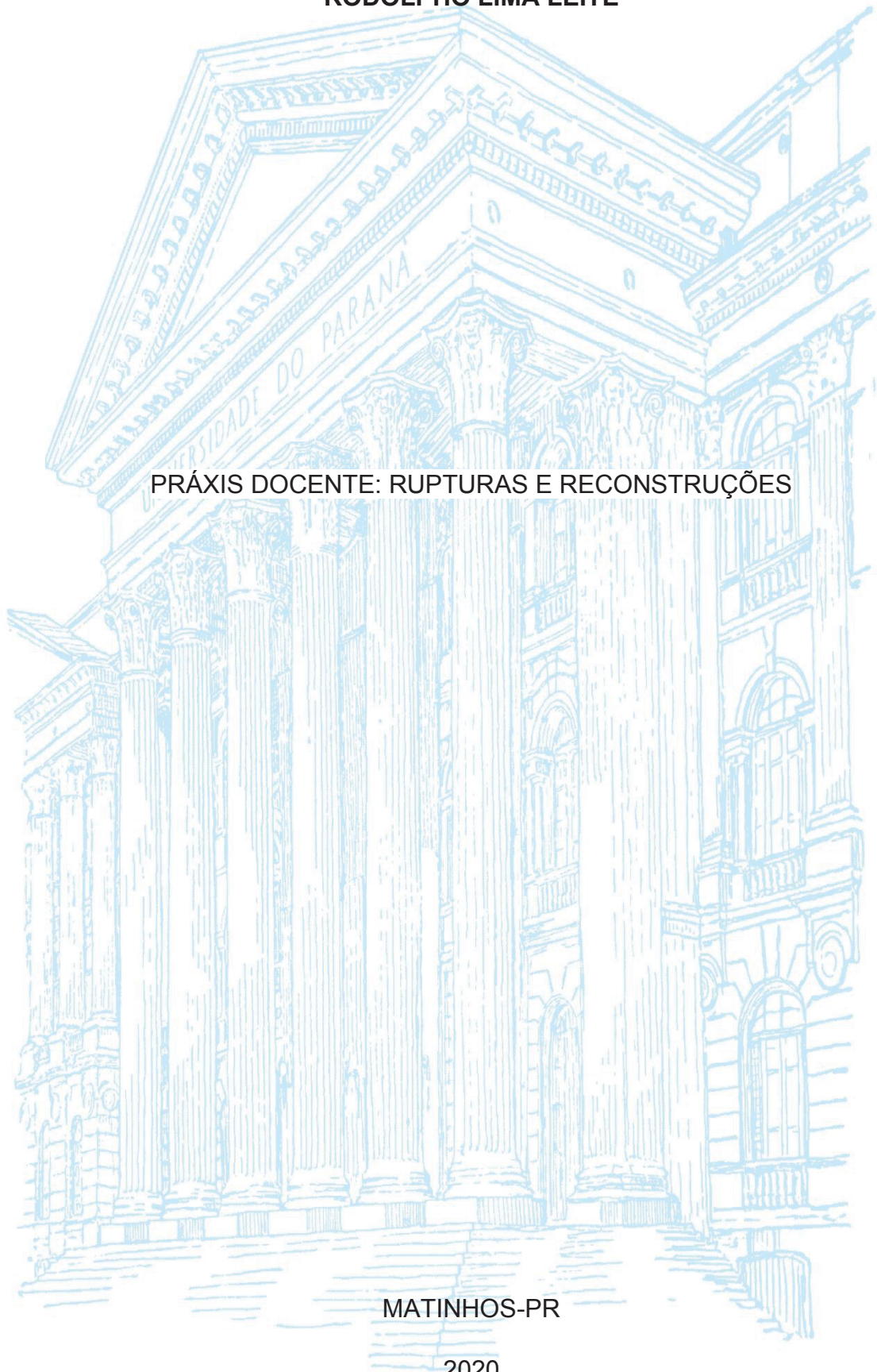


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RODOLPHO LIMA LEITE



PRÁXIS DOCENTE: RUPTURAS E RECONSTRUÇÕES

MATINHOS-PR

2020

RODOLPHO LIMA LEITE

PRÁXIS DOCENTE: RUPTURAS E RECONSTRUÇÕES

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista, Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientadores: Prof. Dr. Valentim da Silva
Prof. Mila Zeiger Pedroso
Prof. Dr. Rodrigo Rosi Mengarelli

MATINHOS-PR


2020

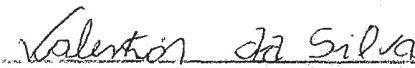
TERMO DE APROVAÇÃO

RODOLPHO LIMA LEITE

PRÁXIS DOCENTE: RUPTURAS E RECONSTRUÇÕES

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação - ANE, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista - Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral.


Rodolpho Lima Leite
Estudante da Especialização ANE - UFPR


Prof. Dr. Valentim da Silva
Orientador - UFPR


Prof. Mila Zeiger Pedroso
Membro da Banca - UFPR


Prof. Dr. Rodrigo Rosi Mengarelli
Membro da Banca - UFPR

Matinhos, 05 de dezembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Parto do princípio para escrever os agradecimentos de que ninguém faz nada sozinho nessa vida. Vejo como fundamental demonstrar gratidão a algumas pessoas que me ajudaram nesse processo transformador.

Agradeço primeiramente a minha família, Jose Orlando (Pai), Joana (Mãe), Arthur (Irmão) e Marianna (Irmã), por terem me ajudado chegar até aqui.

Karen, muito obrigado por ser essa companheira que está comigo para qualquer situação. Obrigado por todas as conversas, insights e por ser minha base.

Minha gratidão há as duas parceiras de projeto incríveis, Goretti e Lucilene, que aceitaram realizar o projeto comigo e mesmo nenhum dos três sabendo muito o que queriam, fomos caminhando juntos. Gratidão eterna, por toda experiência que vocês me proporcionaram. A Educação precisa de vocês.

Agradeço aqui também, ao querido amigo Valentim, sempre ouvido minhas angústias, dúvidas e retribuindo com boas conversas e indicações de leitura.

Mila, querida. Obrigado por sempre me tratar com tanta carinho e ser esse grande exemplo de educadora mesmo em meio a tantas desafios.

Meu muito obrigado, também, ao trio Lenir, Valdo e Susan por contribuírem no meu caminhar durante toda a especialização.

Gratidão ao Elie Ghanem por ter me apresentado a essa aventura feita em Matinhos.

Agradeço aqui, ao querido José Pacheco por sempre me ouvir e ser solícito com os meus pedidos de ajuda.

Escrevo mais esse agradecimento a todos os amigos da ANE-Paulista (Valquiria, Douglas, Rennan, Mariana, Goretti, Lucilene, Crasso, Fernanda, Luis, Laila e Marcos).

Agradeço por último, a todos as pessoas que fizeram parte da turma em Alternativas para uma Nova Educação. Cada um de vocês contribuíram com a minha transformação e sem vocês, essa jornada não seria a mesma. Obrigado por cada

partilha, momentos de risada, momentos de emoção. Gratidão pela diversidade que vocês representam e por me ajudarem a ser um ser humano melhor.

RESUMO

O presente texto refere-se ao percurso experienciado na especialização em Alternativas para uma Nova Educação. Mesmo com estrutura de monografia, foi desenvolvido como memorial das experiências promovidas nesse processo que teve início há um ano e meio atrás e que apenas por burocracia, se encerra no texto. É possível também encontrar a metodologia de estruturação do projeto realizado na escola Bairro da Penhinha, escola localizada na cidade de Arujá, com alguns relatos de professores e professoras sobre a dinâmica de trabalhar numa escola em transformação. Ao longo do trabalho, foi feito o esforço de relacionar alguns referenciais teóricos com as práticas experienciadas, de maneira a ajudar nas reflexões. Identificamos a importância de permitir-se ousar na educação, mesmo com todos os receios, é necessário ir a prática. Se faz essencial viver as práticas que gostaríamos de ter, como é permitido fazer na escola Bairro da Penhinha e, da mesma maneira, somos impulsionados durante a especialização.

Palavras chaves: Alternativas para um Nova Educação. Escola em Transformação. Transformação de Professores.

ABSTRACT

This text refers to the path experienced in the specialization in Alternatives for a New Education. Even with a monograph structure, it was developed as a memorial of the experiences promoted in this process that started a year and a half ago and that only due to bureaucracy, ends in the text. It is also possible to find the methodology for structuring the project carried out at Bairro da Penhinha school, a school located in the city of Arujá, some reports from teachers about the dynamics of working in a changing school. Throughout the work, an effort was made to relate some theoretical references with the practices experienced, in order to help in the reflections. We identified the importance of allowing oneself to dare in education, even with all fears, it is necessary to go to practice. It is essential to live the practices we would like to have, as it is allowed to do at Bairro da Penhinha school and, in the same way, we are driven during the specialization.

Key words: Alternatives for a New Education. Transformation School. Teacher Transformation.

SUMÁRIO

1 APRESENTANDO O CAMINHAR	7
2 CAMINHOS E CAMINHADAS	11
2.1 JUSTIFICATIVA	11
2.2 COMO CAMINHAMOS	13
2.3 A INSTITUIÇÃO ESCOLAR	15
2.4 SER PROFESSOR NA ESCOLA BAIRRO DA PENHINHA	16
2.5 OS ESTUDANTES	22
2.6 ATIVIDADES DA ESCOLA	23
3 CHEGANDO AO FINAL DO PERCURSO	27
REFERÊNCIAS	29

1 APRESENTANDO O CAMINHAR

Todo processo de educação implica em que houve um ou mais sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Como o presente texto traz a ótica do autor para as questões debruçadas, esbarro numa impossibilidade de desenvolver a escrita sem contar a minha história até esse momento.

Durante todo o período da minha vida escolar estudei em escola particular com boa estrutura, de forma geral tive aulas com bons professores. Lembro de ir bem em todas as matérias, o que me ajudava a gostar das disciplinas e assim querer ir melhor nas matérias. Penso também que esse movimento é algo relacionado com o quão bem se vai na matéria, se aproximando daquela determinada disciplina e a medida que mais se aproxima, mais se gosta da disciplina, funcionando toda essa relação como um motor que se auto alimenta.

A boa relação com as disciplinas permaneceu até começar a fazer curso técnico no Senai no segundo ano do ensino médio, porque por mais que eu estivesse escolhido o curso de mecânica, e gostado do que aprendi, não fui tão bem como estava acostumado em relação as matérias do ensino básico. Considero que o cansaço, por ficar no Senai durante quatro horas na parte da manhã e mais cinco horas no Sesi na parte da tarde, a preguiça de fazer com antecedência as atividades e o uso totalmente técnico do conhecimento que chegava para nós no curso – tudo que aprendíamos era para ser usado na indústria, em um ramo da área relacionada com aquele curso, não conseguia ver utilidade para mais nada além desse foco – como fatores que influenciaram no menor aproveitamento que tive.

Por mais que eu sempre tenha ido bem em todas matérias do ensino básico, sempre tem algumas matérias que se prefere em detrimento de outras e no meu caso eram as matérias tidas como exatas, isso me ajudou a saber melhor o que eu gostaria de seguir profissionalmente. Percebo que por mais que gostasse das demais matérias, era física e matemática, que me destacava em relação as outras pessoas, e dessa forma, incorporei a ideia de que eu era bom nessas matérias.

Aproveitando a empolgação que foi alimentada em mim, pelas “matérias exatas”, me aproximei de uma profissão que, na medida em que fui ficando mais velho

comecei a me interessar, era a de engenheiro civil. O fato, de envolver diversos cálculos, por ser uma profissão bem vista pela sociedade e ter sua importância (ainda mais quando via a reação das pessoas quando falava a carreira que eu queria seguir). Continuei com o sonho de ser engenheiro civil até mesmo após fazer o vestibular, já que me inscrevi para o curso de licenciatura em física na Universidade de São Paulo, a partir dos conselhos do professor de física do ensino médio, ele dizia ser mais fácil entrar na USP por esse curso e que depois eu poderia me transferir para engenharia civil.

Como acabei o ensino médio e logo entrei na universidade no curso que não queria até o momento, tratei de ir atrás de informações para me transferir para outros cursos, nesse momento surgiram os primeiros impedimentos. Descobri que abriam poucas vagas de transferência para engenharia civil e essas vagas eram muito concorridas, fazendo com que eu passasse o primeiro ano de faculdade com displicência. Já no começo do segundo ano ainda querendo mudar de curso, comecei a me interessar pelo curso de geofísica, uma área que também me interessava e era bem vista pela sociedade, fatores esses que me estimularam a fazer a prova de transferência. Contudo, não consegui aprovação e tive que continuar no curso que entrei de início.

Algo curioso aconteceu para que eu mudasse a minha opinião sobre o curso de licenciatura. Durante os cursos fui fazendo algumas disciplinas e com o passar do tempo passei a olhar para a carreira de professor por outra perspectiva, porque o fator que mais me impedia de seguir essa carreira era o pré-conceito. Sabia que era uma profissão reconhecida socialmente, mas não ao ponto de ver esse reconhecimento no salário, lembrava de alguns problemas que os professores do ensino médio relatavam e de alguns outros relatos sobre trabalhar muito e ter baixo salário.

Do segundo para o terceiro ano de curso cheguei à conclusão de que eu estava em busca de status social, e ao ir atrás desse status eu seria muito infeliz, porque a profissão compõe a sua vida e não dá para desassociar uma coisa da outra. Assim resolvi dar uma chance para o curso, me dedicando mais as matérias e trabalhando em uma escola do Estado de São Paulo como professor de física.

Trabalhei em três escolas do Estado de São Paulo durante um ano e meio, a experiência vivida nesse período me deu a certeza de que ser professor era o que eu realmente queria para a vida. Isso, me ajudou a perceber o quanto eu gostava de

aprender e interagir com as pessoas e por meio dessa relação poder fazer parte da vida delas em algum nível.

Com a experiência de ser professor, junto com o que eu havia observado nos estágios e vivido enquanto aluno, comecei a questionar algumas práticas e aos poucos percebi que esses questionamentos estavam relacionados com a estrutura educacional do país, algumas questões, como: por que sempre alguém reprova de série? Por que temos que estudar enfileirados? Por que as aulas têm 50 minutos? Por que precisamos estudar em salas de aula? Será que só podemos aprender com esse método que eu recebi e repassei para os alunos? Atrelando a todos esses questionamentos, conversas com amigos sobre a situação no mínimo difícil que passava (e ainda passa) a educação no país, busquei informações sobre escolas que tivessem uma estrutura diferente, como uma forma de ter mais esperança na carreira que havia escolhido.

Através de conversas e pesquisas, encontrei o nome do educador José Pacheco com diversas informações sobre seu trabalho diferenciado feito na Escola da Ponte em Portugal e algumas outras informações de uma escola que ele estava ajudando a criar na cidade de Cotia, essa escola era o Projeto Âncora.

A partir do momento que encontrei a Escola Projeto Âncora começou uma tentativa de entender o que era essa escola, o que ela representava no meio educacional e como eu poderia me aproximar das atividades lá realizadas. Comecei a usar as oportunidades de estágio, de apresentação de trabalho requisitados no curso para conhecer mais a escola, o funcionamento do Projeto Âncora, como são as relações entre os educadores e as crianças, as crianças e o conhecimento, pais e escola e educadores e pais, crianças e o ensino-aprendizagem.

Com o tempo, me envolvi mais com as atividades realizadas no Projeto Âncora, tornando voluntário da escola. Nesse mesmo tempo, já estava na segunda metade da graduação, aproveitando para desenvolver a monografia tendo como base a escola Projeto Âncora.

Os três anos que passei como voluntário no Projeto Âncora, fez com que eu rompesse com diversas questões que me constituíam como ser humano e que eram refletidas nas ações profissionais. Não há mínima possibilidade de pensar todas as mudanças que ocorreram em mim, sem considerar os momentos incríveis que passei nessa escola.

Tendo acabado a graduação, iniciei o mestrado em ensino de ciências pela Universidade de São Paulo, tentando estabelecer relações com a forma de ver o mundo que eu havia adquirido. Assim, no primeiro ano de mestrado, ao escolher algumas matérias para cumprir durante o curso, comecei uma disciplina com o querido professor Elie Ghanem. Com o Elie, além de ter a maior de experiência de coerência entre teoria e prática na docência na universidade, surgiu a oportunidade o projeto de educação desenvolvido pela Universidade Federal do Paraná no Setor Litoral (UFPR – Litoral).

Com a experiência na UFPR – Litoral, soube de uma especialização em Alternativas para uma Nova Educação, e pouquíssimo tempo depois com o período de inscrição aberto para essa pós-graduação, me matriculei e assim, iniciei mais um processo de transformação na minha vida, não sabendo o que estava reservado para mim.

2 CAMINHOS E CAMINHADAS

Está presente nos documentos oficiais que legislam e orientam as diversas ações no âmbito educacional que todas as pessoas que se encontram no período escolar, dos 4 aos 17 anos, tem direito a uma educação baseada na liberdade e nos ideais de solidariedade humana, visando o desenvolvimento integral do estudante (LDB, 1996).

Na Lei de Diretrizes e Bases (1996), temos como um dos princípios a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento a arte e o saber. No entanto, olhando o cenário da educação no país, facilmente podemos questionar a execução desse item, ou seja, quanto do que está previsto em lei, é de fato executado.

Encontramos também no Relatório Jacques Delours (1996), indicações em torno da educação de qualidade nos primeiros anos que a criança entra na escola. Esse mesmo relatório aponta a educação básica como, “passaporte para a vida” (p.125), ao passo, que é essencial na luta contra as desigualdades de gênero, sociais, pobreza extrema, trabalho infantil e marginalização de minorias.

2.1 JUSTIFICATIVA

O presente projeto busca ajudar a desenvolver as mudanças que estão ocorrendo na escola Bairro da Penhinha no município de Arujá. Como outro ponto a ser alcançado, temos o foco na formação de professores e professoras, apoiando os mesmos no desenvolvimento de uma educação contra hegemônica.

A educação ao redor do mundo mostra as suas fragilidades nos mais amplos aspectos e quando trazemos o olhar para o Brasil, percebemos que as dificuldades tomam proporções grandes, sobretudo, por nos depararmos constantemente com os problemas presentes na educação no nosso dia-a-dia.

Temos diversos casos que evidenciam o quadro educacional que se repete a décadas. Dia após dia, vemos notícias ou sabemos de casos de violência nas escolas, principalmente entre estudantes e entre estudantes e professores. Essa violência gratuita e ampla, reflete o quão doente está a educação, mas não somente isso, o

quão doente as pessoas estão. Segundo Pacheco (2014), as escolas não são formadas pelos prédios, pelos materiais que tem, pela estrutura física, as escolas são as pessoas que nela convivem, trabalham e estudam, pelas pessoas que pertencem ao lugar.

Com um cenário desestimulador para o ensino-aprendizagem, continuarmos com as mesmas atitudes e mesmas perspectivas de educação se apresenta como o caminho mais fácil a percorrer. No entanto, nos mantermos ausentes é concordar com o que fizemos até hoje, repetindo as mesmas atitudes, que claramente se mostram não eficazes.

Temos alguns pontos que podem indicar uma melhora na educação, como, os estudantes mais envolvidos com o conhecimento, os professores mais satisfeitos com o exercício da sua profissão e todas as pessoas envolvidas com a educação ou não, satisfeitas com o rumo que a educação está tomando. Portanto, é essencial fazermos essa educação, é necessário construirmos a educação que queremos ter. E um dos primeiros passos para fazer uma educação diferente, é ousar a fazer essa educação.

É imprescindível acreditar que podemos fazer algo melhor, algo diferente. O sociólogo e linguista Noam Chomsky, em uma de suas frases, indica a relevância de ter esperança no que nos propomos a fazer:

Se você admite que não há esperança, então você garante que não haverá esperança. Se você admite que há um instinto para liberdade, que existem oportunidades de mudar as coisas, então há a possibilidade de que possa contribuir para a construção de um mundo melhor. (Chomsky, 2014, não p.)

Tradução própria - Noam Chomsky

Assim como em Chomsky, também encontramos no patrono da educação brasileira o incentivo a não ficarmos parados, esperando uma nova educação surgir. Para Paulo Freire (1967), a educação é um ato de coragem, não nos permitindo temer o debate, a análise de como estamos vivendo, não podemos ser omissos e muito menos fugir de conversas que ajudam a criar novas práxis.

A partir dos apontamentos nos parágrafos anteriores e de percebermos a necessidade de fazer algo diferente na educação, desenvolvemos um conjunto de

ações de maneira a apoiar as mudanças que vêm ocorrendo na escola municipal Bairro da Penhinha.

Realizando as ações que serão detalhadas posteriormente no presente projeto, vemos ao menos dois pontos que indicam a importância desse movimento. O primeiro implica no apoio aos docentes que já atuam na escola do Bairro da Penhinha, uma vez que os professores e professoras dessa escola estão desenvolvendo a dinâmica escolar de uma maneira que os mesmos não estão acostumados, sendo que muitas das vezes nem sabem como fazer e aprenderam de formas bem diferentes das quais eles hoje se arriscam a fazer. Nessa transição, inúmeros receios chegam aos docentes, por estarem rompendo com toda uma estrutura criada e sustentada por anos e esse momento de extrema sensibilidade, requer atenção e cuidado para com os professores para que não desanimem e desistam de refazer o seu sentir, pensar e agir. Já como segundo ponto, podemos perceber que para os autores desse projeto, esse processo de pensar as ações que poderão ser realizadas na escola, o apoio aos professores, também causa rupturas em diversas concepções estabelecidas ao longo dos anos passados na vida escolar, além de poderem também, reafirmar outros aspectos que desde que começaram a especialização em Alternativas para uma Nova Educação (ANE) não param de se desenvolver no interior de cada um.

2.2 COMO CAMINHAMOS

A aplicação do presente projeto estruturou-se em encontros entre os docentes da escola Bairro da Penhinha e os estudantes da ANE (Alternativas para uma Nova Educação), Maria Goretti Aguiar Alencar, Lucilene Passos e Rodolpho Lima Leite. Inicialmente, a periodicidade dos encontros foi pensada para que ocorresse mensalmente, por entendermos que é preciso tempo para os professores conseguirem pensar, refletir e aos poucos irem levando para a relação com os alunos os pontos levantados nos momentos junto com o grupo de formação de professores, além também da própria dinâmica de atividades diárias das pessoas envolvidas.

Contudo, durante o desenvolvimento do projeto alguns desafios não foram superados pelo autor deste texto e, dessa forma, as datas num primeiro momento pensadas precisaram ser alteradas. As visitas ficaram mais espaçadas do que ideal, uma vez que foram encontradas dificuldades de manter a rotina de trabalho e estudo, juntamente com as atividades desta especialização.

Os momentos de encontro com os professores e professoras da escola Bairro da Penhinha, foram pensados a partir do respeito que qualquer pessoa necessita, e

sobretudo, pelo fato dos professores já estarem desenvolvendo suas atividades na escola há alguns meses.

Tentamos nos colocar na ótica dos professores da escola em questão, como eles se sentiriam se chegasse alguém que não conhecesse a realidade, indicando ações a serem feitas, decisões para tomadas, ignorando todo o trabalho que eles haviam feito até o momento.

Dessa maneira, a dinâmica dos encontros seguiu as necessidades trazidas pelos professores que participaram da formação, a partir de suas realidades no dia-a-dia escolar. Se fez necessário, a criação de um ambiente acolhedor e confortável, facilitando a partilha de ideias e opiniões em torno do dia-a-dia de ser professor na escola Bairro da Penhinha, com seus desafios, alegrias e contradições.

Para Anísio Teixeira, referenciado por José Pacheco (2014) “deveria considerar o aprendiz em sua totalidade, sua história, sua cultura e num contexto social específico, numa situação concreta.”. Por valorizarmos uma educação humana e acreditarmos que o aprendiz se desenvolve mais quando é respeitado nas mais diversas dimensões, sempre partimos da vida dos indivíduos envolvidos no projeto.

Como inspiração, utilizamos de apoio o roteiro de formação de professores do movimento Escolas Transformadoras. O movimento Escolas Transformadoras, visa incentivar e apoiar escolas que almejam uma prática diferente da escola tradicional, surgiu no ano de 2018 por parte de integrantes do grupo que formava a iniciativa, Instituições Inovadoras e Criativas, criado pelo MEC em 2015 (ESCOLAS TRANSFORMADORAS, 2018).

Além do roteiro especificado acima, também utilizamos o primeiro vídeo da série “Corações e Mentes” apoiado pelo movimento Escolas Transformadoras. A série aborda experiências de diversas escolas que tentam romper com o paradigma hegemônico a partir de suas práticas, com relatos de estudantes, professores e pais.

O vídeo relatado no parágrafo anterior serviu para iniciarmos o movimento de diálogo com os professores ao longo da execução do projeto.

2.3 A INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A escola Bairro da Penhinha está localizada na cidade de Arujá, região metropolitana de São Paulo. Abaixo temos informações mais detalhadas da localização da escola para possível visita de outros participantes da ANE:

Escola Municipal Bairro da Penhinha

Estrada da Penhinha, 2261 – Penhinha

CEP 07400-000 – Arujá/SP

Telefone/fax: 4655-0179/4652-1005

Obtivemos mais informações sobre a escola em destaque a partir do contato com o PPP (Projeto Político Pedagógico). Dessa forma, podemos apresentar algumas características da unidade escolar.

Manhã		Tarde		Noite
Ensino Fundamental	Educação Infantil	Ensino Fundamental	Educação Infantil	Educação de Jovens e Adultos
3º ano A: 32		1º ano A: 31	Pré : 29	
4º ano A: 31		2º ano A: 31	Jardim : 27	
4º ano B: 25				
5º ano A: 33				
Total: 121		Total: 62	Total: 56	Total: 00
Total Geral: 239				

Tabela 1: Alunos atendidos pela escola no 2018. **Fonte:** PPP-escola Bairro da Penhinha (2018)

Podemos observar na tabela acima que a escola Bairro da Peninha é uma escola que contempla os estudantes em fase escolar de Fundamental 1 e Educação Infantil.

A partir de pesquisa feita na escola em questão, as famílias dos estudantes responderam um questionário, no qual aponta que a renda média da família está por volta de dois salários mínimos, a maioria das famílias moram em casa cedida ou alugada e necessitam de mais apoio social (Escola Bairro da Peninha, 2018).

O mesmo documento ainda aponta, que mesmo tendo cerca de 61% de presença dos pais nas reuniões, há alunos que têm um rendimento escolar muito bom, e segundo o Escola Bairro da Peninha (2018), isso se deve a atenção familiar e orientação dos pais.

2.4 SER PROFESSOR NA ESCOLA BAIRRO DA PENHINHA

Como uma etapa do projeto desenvolvido, foi organizada uma atividade, na qual, os professores e professoras da escola, durante a reunião pedagógica, precisariam responder na terceira pessoa a seguinte pergunta: Como é ser professor nessa escola para você?

As respostas dos 7 professores participantes da reunião pedagógica estão transcritas na tabela abaixo.

Professor	Respostas
1	Ela está aprendendo a cada dia com todos. A professora 1 é casada, mora com o esposo. No momento o filho dela não mora com ela, a filha vem a cada 15 dias, a filha faz faculdade em são José dos campos e vem a cada 15 dias. É uma pessoa que está sempre querendo melhorar e ao mesmo tempo preocupada em fazer, em aprender, como a gente erra, ela erra também. Esse projeto, é tudo muito novo, mas quando ela veio pra cá, ela veio porque viu uma luzinha no fim do túnel. Porque as experiências que ela teve na escola pública, ela ficou muito decepcionada de ver que a educação se perdeu nesse tempo. Quando ela viu essa

	<p>questão de projeto, ela tinha muita opção, mas quando viu, ela “é isso que eu quero”, algo novo, ela quer algo novo. Não está sendo fácil, é difícil pra todos, mas ela tem buscado muita ajuda, buscado muita ajuda entre todos os colegas e vejo assim, ela está tentando sempre adequações. Uma forma não tá dando, ela tenta de outra, de outra, de outra. As vezes ela não consegue, às vezes vê que uma coisa tá indo, que tá dando certo. Essa é a professora 1.</p>
2	<p>A pro. 2, mora com os dois filhos, trabalha há pouco tempo na prefeitura de Arujá, gosto muito. Acho que aprendi a partir da prefeitura de Arujá a ver as escolas públicas não são tão más, só está relacionado com a dedicação dos professores, com a cobrança, com a cobrança dos pais, saber que as crianças podem saber tanto ou mais que os outros colégios. Talvez seja isso que lhe irrita mais, é ver o descaso de muitos professores, é ver o “deixa andar”. Ela gostou muito na prefeitura que lhe chama muita atenção, que é a questão do, uma coisa tão besta, que a prefeitura pedir uma contribuição para os pais para os materiais e ela vê o quanto isso é importante. O quanto importante é trazer folhas, o que quão importante é coisas bestas que ajuda no ensino, coisas tão bobas que ajudam numa atividade com os alunos, e vê “que legal”, ela não tem que gastar do bolso dela e pode dar. Claro, dá muito trabalho, mas essencialmente acho que ela é uma professora dedicada, uma professora que cobra muito, falha muito, mas acha que pode mudar muito, que pode ajudar bastante e que ainda pode se dedicar mais, ainda tem muito a que aprender. Só isso.</p>
3	<p>O professor 3, ele mora em São Paulo, ele é casado, deve fazer uns 7 anos. Ele não tem filhos e pelo o que eu sei, acho que ele não quer ter não. A esposa dele é professora da educação infantil e ela também não quer. Ela estava até doente uns dias aí, porque estava sofrendo com crise de ansiedade, relação com o serviço dela. Ele trabalha no estado e ele trabalha aqui em Arujá. As vezes ele confunde meio que os locais, vou explicar pra vocês. Quando ele está no estado, as vezes ela pensa que está em Arujá, porque assim, são escolas do ponto de vista dele, são totalmente diferentes. Um episódio que aconteceu no estado, foi que no momento que, a quadra de lá tava interditada, foi uma arquiteta, tem umas árvores que estão prestes a cair, tem um murinho que está cedendo. Então, interditaram a quadra. É mais fácil interditar a quadra, do que mandar arrumar pra eles. Então, acho que eu não vou ter quadra lá também, eu não, o professor 3. Uma solução que o pessoal encontrou, o professor também ajudou nisso, foi arrumar as mesas de ping-pong, deixar no pátio, tem uma área externa que dá pra utilizar pra fazer alguma atividade, não é uma quadra, é um pouco maior do que a área daqui, não é muita coisa não. Os alunos estão gostando, estão</p>

tendo mais contato com o tênis de mesa e na área externa tão tendo mais contato com outros esporte, não só o futebol, como o vôlei. Tem outras brincadeiras lá. Só que lá, ele me disse, que o aluno não tem muita voz. Então, ele tem que tá quieto, tem que ter disciplina, não tem que fazer barulho, isso é o principal foco lá. Então, porque o professor 3 esqueceu, pensou que estava em Arujá lá? No momento do intervalo, ninguém pode ficar nessa área externa, porque a direção não quer, “mas por que não pode ficar lá?”, ele falou né, “não, não é pra ficar”, é não e não, não tem um motivo não, é simplesmente, não. Então, o professor 3 esqueceu que estava lá e não aqui em Arujá. “O que vocês querem jogar?”, “Pode jogar tal coisa?”, “Pode”. Então, eles ficaram lá no intervalo, aí tinha o tênis de mesa. Aí, o coordenador foi e deu uma no professor 3, “Professor, você não pode fazer isso”, “Mas por que eu não posso?”, ele falou. “Não tem nada demais”, estava até um solzinho, estava meio frio. “Não, não pode ficar. Não é pra deixar mais os alunos lá fora e não é pra deixar a bola com eles.” Se vê que a visão da direção é algo completamente do que tem aqui. Tentar fazer algo que o professor pudesse ouvir o que o aluno queria fazer e o aluno não poder fazer aquilo que ele quer, é meio frustrante, é meio deprimente, você fica meio assim. Ele não gosta dessa experiência. Já em Arujá, ele tem essa autonomia. Nas aulas, não é o professor que simplesmente escolhe, “ah, vocês vão jogar futebol”. Se eles escolherem, porque não dar a voz para o que o aluno quer fazer, é ele que vai fazer, vai fazer o que gosta de fazer. É claro que não vai ficar na mesmice, tenta explorar o máximo de atividades, o aluno vai se beneficiar com a variedade de movimento que ele vai aprender. Então, essa diferença de escolas que o professor 3 percebe, que ele vivencia, percebe a importância que tem o aluno ter uma voz ativa, onde ele escolhe o que quer fazer e os mediadores, que são os professores, a direção, simplesmente escutar o que o aluno quer e, “pode fazer, por que não?” e não um “não”, só porque a escola não quer fazer. No tempo que a gente vive, acho que isso está totalmente ultrapassado, acho que isso priva e depois fica pedindo o autoritarismo, pensa que vai fazer com que o aluno fique, se edifique como ser humano, o professor 3 acha que não é por ai, que o aluno, de todos da escola, ele é o mais importante, está em formação. Então, ele sim, tem que fazer o que quer fazer. Acho que ele vai ter limite das coisas que ele quer fazer, das coisas que ele não pode fazer e isso acho que é importante. E isso tem aqui, nas aulas de educação física, pelo menos, o professor tenta ouvir o que o aluno quer fazer e sempre tenta que ele tenha consciência da escolha dele. O aluno pensa “Tá, já escolhi uma atividade que eu queria fazer, agora que ver o que o outro pensa”, “Eu escolhi futebol hoje, o que vai ser amanhã?”. Vou ouvir o outro. E todos abraçam, digo que a maioria é cerca de 90% na participação. Então é, ele sente essa dificuldade, às vezes aqui

	<p>em Arujá ele pensa que está no estado, com toda aquela coisa, o professor que manda, o professor que faz aquilo, o professor que faz isso, “Não, vocês não vão fazer isso, não. Vão fazer o que querem que eu faça.” Aí, “opa, não estou no estado”. Meio que dá uma bagunça na cabeça dele, mas essa é percepção da escola totalmente tradicional, é “não, não e não”, e o aluno é problema, não é a solução. Não vê no que ele pode se tornar com todas aquelas proibições, enfim. E uma outra escola, que o aluno tem, os professores sabem o quão importante é que o aluno se torne um cidadão que seja, que questione, que saiba atuar no local que tem o convívio presente. Isso é o que o professor 3 percebe de uma escola pra outra.</p>
4	Não quero falar.
5	<p>Não sei o que falar, porque a professora 5 fala tanto. A professora 5 é de bem com a vida, sempre alegre. Não mistura a vida particular dela com a profissional. Na casa dela pode estar acontecendo mil coisas, que não atrapalha na escola e é a mesma coisa em casa, ela chega em casa. Tenho dois filhos, esperei 12 anos pra ter outro, tenho casal de filhos. Todo mundo falava que ela era louca e eu percebi que ela é louca mesmo. Ela é uma pessoa muito comunicativa, muito alegre, gosta de fazer piada. Tem hora que ela faz piada de coisa que ela não devia, ela é meio inconveniente. Leva muito as coisas na brincadeira.</p> <p>Caiu na educação de paraquedas, já tem 4 anos, ninguém acreditava, tem gente que até hoje não acredita, meu pai é uma delas. O pai dela falava “Você deveria estar na zorra total”. Sou muito comprometida com a educação. A mesma educação que ela dá para os filhos dela, ela gostaria que todos os alunos tivessem a mesma oportunidade, porque só a educação que vai levá-los a ter uma vida melhor. Quero ter uma educação diferente. E ela teve oportunidade, ficou na Penhinha porque ela quis, estava com ela no dia da atribuição. Ela já era efetiva aqui, ai eu falei pra ela “meu, você tem certeza que quer ficar?”, ai eu falei “vou ficar”. E ela tá tentando, tem dia que acha que não vai conseguir. Ela é uma pessoa que dá muita voz para os alunos dela, por isso que tá ficando doidona, ela pensa “onde é que esse povo vai parar?”, mas é legal, é desgastante, mas ela está gostando. Mas, ela se cobra muito também, depois ela fica pensando, “será que eles estão aprendendo tudo que eles tinham que aprender? Mas o que seria esse, tudo que tinha que aprender?”. Ela está nesse conflito, mas acredito que vai melhorar. A gente que é professor, se cobra muito, se cobra demais, ela fala pra mim.</p>
6	É muito difícil nós olharmos pra nós mesmos. A professora 6, na família, ela é casa a bastante tempo, tem uma filha maior de 22 anos e duas menores. Foi estudar depois que já tinha as duas

	<p>primeiras filhas. Não tinha escolhida trabalhar com as crianças menores, mas depois sentiu que o caminho era outro, trocou de faculdade, passou num concurso do estado há 12 anos atrás e foi trabalhar com as crianças assim que saiu da faculdade. Sempre uma pessoa que acredita muito que as crianças precisam ser ouvidas, que essa questão da afetividade é muito forte nela, não só com as crianças, mas com as pessoas, de empatia, de se preocupar muito com o sentimento do outro, do que o outro vai sentir. Procurar caminhos pra se colocar no lugar do outro, falha também, porque o ser humano falha sempre, toda hora. Em relação a educação, busca mudanças, uma coisa que ela sempre acreditou de ouvir mais as crianças, do que é importante pra elas, do que a gente tá formando, isso é muito importante pra ela. Uma pessoa que gosta muito de estudar, que sai para um monte de lugar pra poder estudar. Sempre foi assim. Quando foi estudar, mora ainda no interior, vai trabalhar em Guarulhos, faz curso em São Paulo. Sai de Jacareí, vai pra Arujá, depois vai pra Matinhos pra fazer curso, é uma doida, mas é isso.</p>
7	<p>A professora 7 é doida também, tem rodinha no pé, gosta muito de passear, gosta de estar no meio do povo. Aprende muito com o outro e dentro da escola, curte muito essa fala das crianças, a autonomia das crianças. Eles virem questionar as coisas, a professora 7 gosta muito disso. Ela curte muito as doideiras da professora 5, ela morre de rir com a professora 5. Observa cada um, tenta absorver os processos de cada um, cada um com seu jeito. Algumas coisas não concorda, outras concorda. Como todos aqui falaram, eu também erro. E, essa questão democrática, da democracia, ela pensa que a gente tem que exercitar o tempo todo, porque as vezes é democrático pra mim e não é para o outro, é uma coisa que pega. Gosta de dar autonomia, mas se frustra quando a autonomia não está acontecendo. Nas falas, nos posicionamentos, nas questões mesmo da educação, a educação é muito complexa. Na verdade, a professora 7 quer que o avanço seja mais rápido do que ele é. A professora 7 tem que entender que os processos são devagar, vamos com calma. O meu tempo é um, e cada um tem outro. A professora 7 reconhece isso, mas pensa que as pessoas precisam dar um ritmo e na verdade, cada um é cada um mesmo.</p>

Com as transcrições dos áudios, podemos observar alguns aspectos nas falas dos professores e professoras. Como a escola Bairro da Penhinha passa por constantes mudanças, e isso indica que as pessoas que lá trabalham também estão mudando, percebemos alterações no que tange as concepções que eram praticadas na escola, baseadas no modelo tradicional.

Nos estudos de Mizukami (1986), percebemos que a escola tradicional tem como fundamento o adulto como ser acabado, com limite de desenvolvimento atingido, por outro lado, a criança é vista como um mini adulto, que precisa ser aperfeiçoado. Nos relatos das professoras 1 e 2, observamos rupturas na estrutura tradicional, quando essas apontam que escolheram a escola por acharem que poderia ser diferente de experiências vividas, apontam a dificuldade de trabalharem de outra maneira, mas também sabem que podem melhorar e há muito que aprender.

Pelo observado na tabela de transcrição, a professora 4 não quis relatar a sua experiência na escola Bairro da Penhinha. Essa mesma professora, em conversas com a direção e coordenação da escola, se mostrava resistente as mudanças que vinham sendo sugeridas para que os professores fizessem em suas aulas, como por exemplo, não deixar mais os estudantes enfileirados, ouvir mais os alunos e promover atividades que eles não ficassem diretamente dependentes da professora. Há a possibilidade dessa mesma professora, não ter se sentindo bem em compartilhar suas ideias pelo fato da fala de seus colegas ser diferente do envolvimento dela dentro da instituição.

Com as professoras 5 e 6, identificamos uma atenção ao que diz respeito do envolvimento das crianças nas atividades diárias. As duas professoras indicam a valorização da opinião dos estudantes na escola, da participação nos projetos das turmas. Essas narrativas se apresentam como contraponto da escola tradicional, considerando que esse modelo tem como figura central o professor, ignorando ou pouco valorizando aspectos internos aos estudantes, como família, conhecimentos prévios e sentimentos (MIZUKAMI, 1986).

Com o professor 3, destacamos a contradição vivida por trabalhar em duas escolas e essas, terem concepções diferentes. Numa escola, ele é a todo momento convidado a ouvir os alunos, pergunta o que eles acham de determinado assunto ou determinada decisão, já na outra, os estudantes precisam ser disciplinados e não precisam ser ouvidos, sendo impedidos tanto alunos como professores, de aprenderem entre si.

Jose Pacheco em uma de suas recentes obras, apresenta seus aprendizados com alguns vultos da educação brasileira como, Anísio Teixeira, Lauro de Oliveira Lima e Paulo Freire, sobre a aprendizagem que existe na relação professor e aluno,

“Com eles aprendi que aprendemos uns com os outros, mediatizados pelo mundo. Que a aprendizagem não está centrada no professor, nem no aluno – que aprendemos na intersubjetividade.” (PACHECO, 2019).

A aprendizagem de qualidade, podemos considerar a partir dessa ótica, acontece num envolvimento mútuo de respeito e valorização entre professores e alunos. Nesse esforço de criar boas relações entre os agentes presentes no processo de aprendizagem, esbarramos no querer que as mudanças aconteçam no nosso tempo, como aponta a professora 7. Ela ainda diz, que muitas vezes se sente frustrada pelas coisas não acontecerem no tempo que gostaria.

Contudo, se faz necessário destacar, por mais que algumas mudanças são mais lentas do que a professora 7 gostaria, olhando para o período de um ano em que acompanhei as atividades na escola, percebi mudanças profundas nas relações entre todas as pessoas, a escola passou a ter melhor relação com as famílias e comunidades presente no entorno da escola e na maior lucidez dos professores em relação as suas práticas.

2.5 OS ESTUDANTES

Os pouco mais de 190 alunos estão distribuídos em dois turnos, período da manhã e período da tarde. No horário da manhã as quatro turmas 3º, 4ºA, 4ºB e 5º ano do ensino fundamental são organizadas de tal maneira que uma vez por semana, cada uma passe tanto o período manhã como o período tarde na escola, desenvolvendo diversas atividades planejadas.

Logo no início do desenvolvimento do projeto na escola, era possível perceber as crianças, além de agitadas, reativas ao serem contrariadas. Em diversos momentos encontravam como melhor solução a agressão física ou verbal, principalmente quando a situação era entre duas ou mais crianças.

No período inicial enquanto estava na sala da coordenação e direção, foi possível observar inúmeros momentos em que as crianças recorriam aos adultos presentes para solucionarem alguma situação de agressão, desavença, “brincadeiras” de mal gosto (argumentação das crianças). Nesse período do ano, as crianças já vinham há alguns meses participando de rodas de conversas, assembleias, com o foco no respeito às pessoas, como agir caso não tenham gostado de algo feito.

A medida que os meses foram passando, era possível identificar as crianças ainda agitadas, mas reagindo de forma diferente quando não gostavam de algo que era feito com elas. Menos situações eram levadas para a direção, uma vez que, as crianças tentavam solucionar a questão entre elas próprias, um cenário diferente do visto nos primeiros dias de projeto.

Se faz necessário destacar aqui também, a relação das crianças com o conhecimento. Essa relação, antes fragilizada, distante e vazia, sendo baseada no paradigma tradicional, trazendo todas as características da educação bancária como denunciada por Freire (1996). Ao longo de todo o processo, passou a ser substituída por uma relação repleta de significados, que facilitavam o desenvolvimento da conscientização das crianças. Estabelecendo conexões com o mundo vivido pelas crianças e com as outras pessoas.

A mudança ocorrida entre as crianças e o conhecimento, ocorreu muito por parte do olhar dos professores e equipe pedagógica da escola, que passaram a valorizar o que as crianças traziam de experiências para além da escola.

Como indicado por Mizukami (1986), na perspectiva Sócio-Cultural, vemos a escola dentro dessa perspectiva, as pessoas passam a olhar o mundo a partir de situações concretas vividas, e perceberem o valor que tem essas experiências. Para as crianças, a relação com o conhecimento foi reestruturada para que pudessem ler e entender o mundo em que vivem, no mesmo sentido dos avanços que a escola Bairro da Penhinha tem conquistado.

2.6 ATIVIDADES DA ESCOLA

Dentre as diversas atividades promovidas na escola, destacamos o dia em que a comunidade do entorno da escola foi convidada para participar de roda de conversa e almoço comunitário, feito com doações de alguns moradores do bairro.

Registramos alguns momentos desse dia especial para todos envolvidos na escola e dispomos algumas imagens.

Nesta foto logo abaixo, temos os estudantes, famílias e integrantes da comunidade sendo recebidos numa grande roda por todos os funcionários da escola.



Imagem 1 – Famílias e comunidade em roda de conversa.

Neste outro registro, as pessoas que estavam na roda de conversa na imagem anterior, foram convidados a participar de um espaço de sugestão para melhorar a relação da escola com a comunidade.



Imagem 2 – Pais e estudantes em roda de conversa numa das salas de aula.

Esse momento registrado trás os alunos do 5º ano relatado aos pais e moradores o projeto que desenvolveram para implantar a foça séptica dentro da escola. Os estudantes contaram com ajuda de professores e de um pedreiro que realizava algumas atividades na escola.



Imagem 3 – Estudantes apresentando projeto de foça séptica.

Neste momento todas as pessoas que estavam participando da atividade na escola, foram convidadas para almoçar. A comida foi feita com doação de alimentos pela comunidade.



Imagem 4 – Almoço com todos os participantes da atividade na escola.

3 CHEGANDO AO FINAL DO PERCURSO

Viver todo esse processo foi muito mais enriquecedor do que eu pude imaginar. Quando vi a oportunidade de realizar essa especialização, após conhecer o projeto desenvolvido na UFPR – Litoral, imaginei que seria uma boa experiência, que aprenderia mais sobre educação inovadora, humanizada, contra hegemônica, mas realmente, não tinha dimensão do que eu viveria.

Por ser de São Paulo, o simples fato de viajar até o litoral do Paraná para fazer a matrícula na especialização, já me proporcionou primeiro contato com outro estado que não havia conhecido até então. A querida cidade de Matinhos, promove diversos momentos que diferem da realidade paulistana, o mar próximo a universidade possibilita relações diferentes com os espaços. Talvez por gostar de praia e não ter acesso facilitado, esse seja um ponto importante para mim.

Junto com novos espaços visitados, vieram também as pessoas, cada uma com o seu mundo, sua cultura, saberes e viveres. É possível que aqui esteja o fator mais importante durante essa especialização, o fator humano. Os momentos vividos com cada pessoa presente, tornou o aprendizado ainda mais especial. As facilidades e desafios trazidos pelos novos rostos, foram aproveitados em determinado momento mais, em outros menos, mas durante o caminho fui percebendo a importância de olhar para cada momento como único.

Tentar desenvolver o projeto com mais duas pessoas foi um desafio belíssimo. Ter um espaço com os professores na escola Bairro da Penhinha, poder acompanhar as transformações que ocorriam, as mudanças nos alunos e nos educadores, foi de uma transformação em mim, sem tamanha. E vejo essa transformação com muita gratidão, porque sem ela, sentiria que o aprendizado não foi tão profundo como poderia.

Tenho a sensação de que ainda tem muitos elementos há serem considerados, porém sei também, que preciso de tempo para entender alguns aspectos. Um desses aspectos, é a dor que sentimos quando entramos em conflito com práticas que temos e as que almejamos, e num segundo momento, a dor na tentativa de mudar essas

práticas, de fortalecer novas ações e de ajudar outras pessoas a se fortalecerem também.

Na aventura de educar-se, é possível se equivocar por tantos caminhos que ficamos receosos de dar um passo, de errar de novo. Mas nada melhor do que ir tentando acertar, com pessoas amigas, para nos permitirmos uma educação humana. Desbravar a educação pede ousadia para tentar algo novo e esperança(r), para não esmorecer no meio do caminho. Viver como educador ou educadora, é aprender que o caminho se faz fazendo.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. **Capitão Fantástico**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KEi5xRJQ89c&t=11s>>. Acesso em 20 Jun. 2018.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 1ª Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1996. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf.

Acesso em: 13 Jan. 2020.

ESCOLAS TRANSFORMADORAS, **Plano de Formação de Educadores**, Disponível em < <https://escolastransformadoras.com.br/materiais/planos-formacao-educadores/>>. Acesso em: 20 Nov. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia : Saberes Necessários para a Prática Educativa**. 2. ed. [S.I.]: EGA, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. 1. ed. Paz e Terra LTDA, 1967.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo, SP; Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1986.

PACHECO, Jose. **Aprender em Comunidade**. 1. ed.SM, 2014. 73 p.

_____, **Inovar é assumir um Compromisso Ético com a Educação**. 1º ed. São Paulo, SP; Vozes, 2019.

PENHINHA, BAIRRO DA . **Projeto Político Pedagógico**. 2018. p.1-16.